



URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade

Milene Migliano; Jessica Santana Bruno

milenemigliano2@gmail.com; jessicabruno2@hotmail.com |

Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Diálogos públicos interseccionais:

Arte urbana no Recôncavo da Bahia

Intersectional public dialogues:

Urban art in the Recôncavo of Bahia

Diálogos públicos interseccionales:

Arte urbano en el Recôncavo de Bahia

Resumo | Abstract | Resumen

1. Introdução

Em Cachoeira, as lutas têm histórico desde sua formação; foi aqui que os povos escravizados exigiram tempo e espaço para plantar para sua subsistência e resistiram dos mais diversos modos à escravidão. Com participação decisiva nas lutas pela emancipação política do Brasil, a independência da Bahia, em 1823, acontece em

Salvador, mas tem início em Cachoeira, com as tropas que se formaram na cidade para enfrentar os portugueses.

Caminhar pelas ruas da cidade de Cachoeira é viajar pelo passado, reencontrar os lugares que foram testemunhas de decisivos momentos da História do nosso país e vivenciar as conexões de resistência da população negra em expressividades artísticas múltiplas por toda a cidade. Um exemplo disso é a Irmandade da Boa Morte, criada desde o período colonial do país, que existe e resiste até os dias de hoje. Formada exclusivamente por mulheres negras, por volta de 1820, ainda no período que vigorava a escravidão, a Irmandade da Boa Morte é um exemplo vivo da potência ancestral que sobrevive na cidade. Muitas das irmãs também tem relação com o samba de roda, criado nos intervalos da indústria fumageira, outro elemento cultural de resistência negra, sobretudo das mulheres negras, que encontramos na região.

Conectando-se à potência cultural e política da cidade, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, desde a sua chegada, com o Centro de Artes, Humanidades e Letras, abrigando os cursos de artes visuais, comunicação, cinema, história, museologia, serviço social, ciências sociais, gestão pública, entre outros, associada aos debates de grupos de pesquisa, atividades de extensão e ensino, em construção crítica com o espaço social ocupado, a mobilização dos sentidos de resistência e luta das mulheres vem tomando amplas proporções.

2. Práticas de escrita da cidade e interseccionalidade

Nossa compreensão se faz aqui, a partir de nossas condições de mulheres e pesquisadoras, alinhadas às nossas perspectivas de atuação política e de observação implicada dos contextos em que nos situamos. Compreendemos as práticas de escrita da cidade partindo da problematização que Walter Benjamin produz ao debruçar-se sobre as transformações urbanas observadas nas cidades européias no começo do século XX.

A escrita, que tinha encontrado asilo no livro impresso, para onde carreara o seu destino autônomo, viu-se inexoravelmente lançada à rua, arrastada pelos reclames, submetida à brutal heteronomia do caos econômico. Eis o árduo currículo escolar de sua nova forma. Se ao longo dos séculos, pouco a pouco, ela se foi deixando deitar ao chão, da ereta inscrição ao oblíquo manuscrito jazendo na escrivania, até finalmente acamar-se no livro impresso, eis-la agora que se reergue lentamente do solo. O jornal quase necessariamente é lido na vertical – em posição de sentido – e não na horizontal; filme e anúncio impõem à escrita a plena ditadura da verticalidade. E antes que um contemporâneo chegue a ler um livro, terá desabado sobre seus olhos um turbilhão tão denso de letras móveis, coloridas, litigantes, que as chances de seu adestramento no arcaico estilo do livro já estarão reduzidas a um mínimo. Nuvens de letras-gafanhotos, que já hoje obscurecem o sol do suposto espírito aos habitantes das metrópoles, tornar-se-ão cada vez mais espessas, com a sucessão dos anos (BENJAMIN, 1995, p. 28).

As nuvens de letras-gafanhotos, corroborando a sua hipótese, realmente se tornaram cada vez mais espessas com o passar do tempo cronológico e cotidiano. Mas, para além da enunciação do poder público, do poder de venda – comércio e anunciante e do poder jornalístico midiático, outros lugares de fala encontraram formas de dar a ver suas demandas e visões de mundo. As práticas de escrita da cidade tem ocupado os espaços públicos também como os graffitis, modo de escrita e leitura anônima, mas não por isso sem sentido, que se utilizam de diversas técnicas para se fazerem visíveis. Em Cachoeira, pelas ruas da cidade e as paredes da universidade, os graffitis emergem cada vez mais presentes, compondo redes de sentidos inexistente em outras dimensões comunicativas, conclamando a ação política cidadãos, comunidade acadêmica e visitantes.

A proposição de entendimento das práticas de escrita da cidade enquanto diálogos públicos entende que os graffitis se

constituem a partir das publicações de textos nos espaços urbanos, que vão sendo produzidos entre as leituras, apagamentos e outras escrituras, isto é, os usos e apropriações de textos e contextos existentes (MIGLIANO, 2009). Compondo os imaginários de todas/os que já tenham se disposto a ler e escrever os sentidos em circulação pelas cidades, os diálogos públicos vão sempre se refazendo, ao estarem em constantes e incontáveis interações nas ruas e praças públicas. Os graffitis compõem a dimensão expressividade artística da cidade que estão à disposição de todos que por ali chegarem e se dispuserem à fruição estética que é iniciada pela sensibilidade do olhar sobre as paredes e outros suportes que contenham escritas da cidade.

A condição interseccional compreende, como conceitua a teórica feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw, as interfaces entre fatores de subordinação a partir dos acúmulos de discriminação. Chamando atenção para o fato de que, para as mulheres, o peso da discriminação de gênero, não pode ser analisado considerando o grupo das mulheres como homogêneo, mas, sim, tendo em vista que há outros fatores às suas identidades sociais, que intersectam-se com outras identidades e, essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres, tais como raça, classe, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual.

Embora o termo *interseccionalidade* tenha sido cunhado apenas em 1989 por Kimberlé Crenshaw (1991), a preocupação em entrelaçar distintas formas de desigualdades e diferenciações sociais é bem anterior. Um de seus marcos simbólicos encontram-se nas contribuições do influente manifesto de 1977 do Combahee River Collective, que postulava em termos concisos a experiência combinada de entrelaçamento de opressões por sexo, raça, classe, sexualidade e a necessidade de desenvolvimento de uma análise e prática baseadas no fato de que as formas de opressão estão entrelaçadas e que para que a liberação feminina se efetivasse, era

necessária a luta conjunta contra opressões sexistas, racistas, de classe e de sexualidade.

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. [...] Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista [...]. Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente não-ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma camisa de forças normativa para monitorar a investigação [...] na busca de uma 'linha correta'. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável (DAVIS, 2016, p. 79).

3. Mapa de sentidos no espaço urbano

Vivendo em Cachoeira e atentas às questões já apresentadas, passamos a conectar a rede de sentidos das práticas de escrita da cidade que encontramos pela rua, bem como observar a maneira como as outras pessoas se relacionam com tantos textos urbanos, seja trazendo outros sentidos para as próximas leituras, seja impossibilitando-as ou simplesmente entendendo-as como parte da cidade que habitamos. Nesse contexto, os diálogos públicos, na cidade da Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, que tematizam as mulheres, em sua condição interseccional, põem em prática, a partir da arte disponível na rua, as possibilidades de uma cidade como espaço de dissensos, encontros e conflitos.



Figura 1: Imagem Colagem na parede externa do CAHL
Fonte: Acervo próprio. Produzida em 13 março 2017.

Coladas em lambe-lambe de grandes formatos nos fundos dos muros do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, o CAHL-UFRB, a primeira imagem compondo os diálogos públicos em questão referenciam as relações entre o corpo da mulher negra e a África. Quatro fotografias retratam corpos usando acessórios ou portando adereços que remetem aos orixás do candomblé, como Exu, Yemanjá e Xangô. Outros quatro lambe-lambes portam frases que denunciam o apagamento da memória do legado da África, que tem historicamente se dado a partir dos silêncios e usurpações de creditações científicas à inovações teóricas e tecnológicas que tiveram como origem o continente africano mas que foram apropriadas e disseminadas como berçadas no continente europeu, nos epistemicídios - pelo silenciamento e menosprezo por referências de intelectuais negras e negros na produção e reprodução de conhecimentos. Também compõe o cenário um poema concretista e uma imagem gráfica que questiona o que é a arte, com tratamento muito próximo de um coletivo de intervenção paulistano.

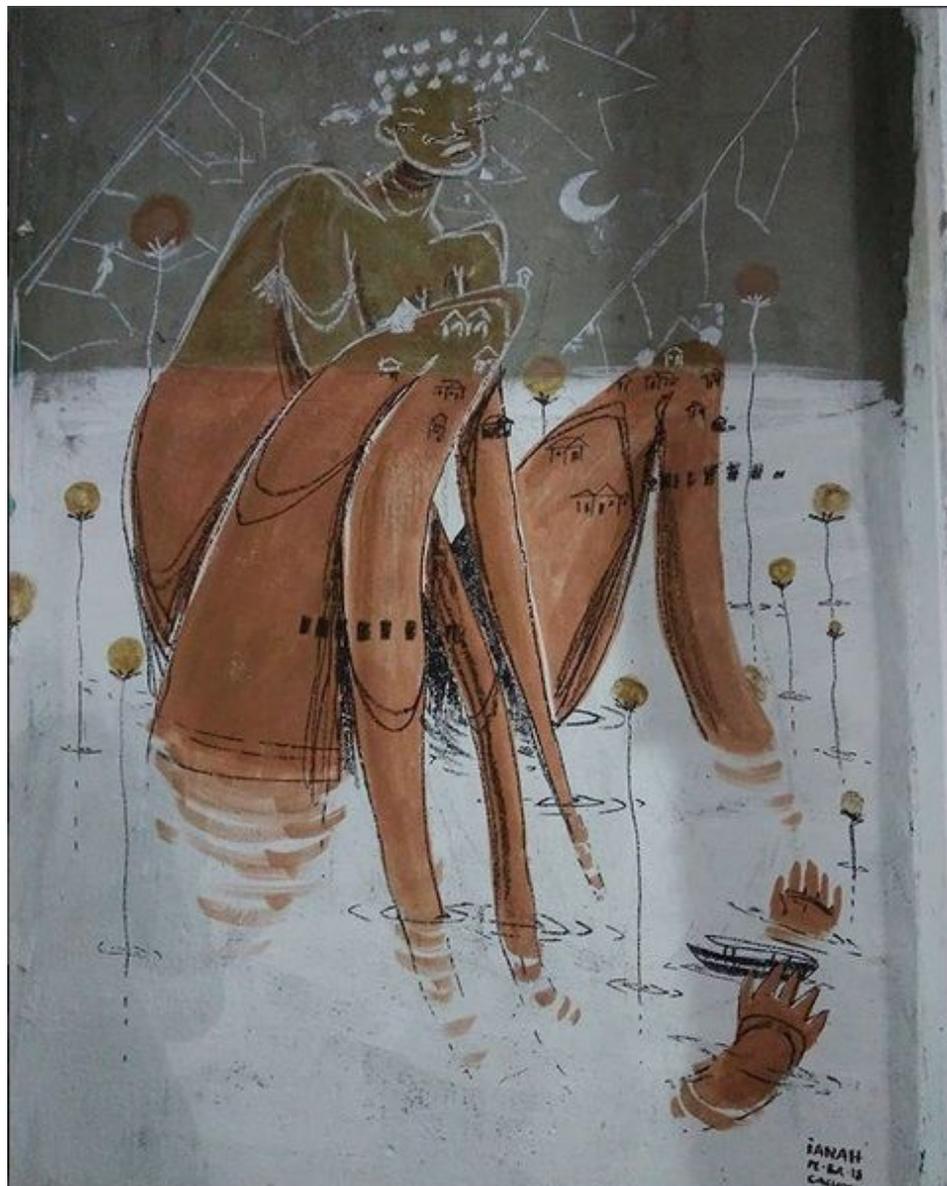


Figura 2: Imagem Mulher cidade nas ruínas do Hotel Colombo

Fonte: Acervo próprio. Produzida em 13 março 2017.

A segunda imagem, desenhada nas paredes do antigo Hotel Colombo, espaço muito utilizado por diversos praticantes da escrita da cidade, foi produzida com tintas feitas com terra de diferentes tonalidades, extraídas do Rio Paraguaçu. A mulher negra no centro da imagem é o retrato do solo que alicerça a cidade, o que nos remete a magia da ancestralidade da mulher negra, mãe universal, presente

em cada DNA mitocondrial – contido em todas as células do nosso corpo e herdadas apenas de nossas mães. Ela compõe a cidade festa, a cidade porto, a cidade de bifurcações sócio-raciais – que divide moradores dos centros e dos morros –, ela se integra ao rio. A cidade é uma mulher preta.



Figura 3: Imagem mulher antúrio nas ruínas do Hotel Colombo
Fonte: Acervo próprio. Produzida em 04 de julho de 2018.

Também colada nas ruínas do Hotel Colombo, a mulher com cabeça de antúrio gestualiza um orgasmo e nos remete ao erótico como poder, como reivindica Audre Lorde, ao denunciar o silenciamento das potências do erótico feminino para além da sedução e satisfação masculina. A imagem, colada em julho, foi rapidamente arrancada, fato que evidencia o modo como a sociedade patriarcal lida com o prazer feminino – apagando-o e silenciando-o –, quando este não se direciona para a figura masculina.



Figura 4: Imagem mulher do axé nas ruínas do Hotel Colombo
Fonte: Acervo próprio. Produzida em 18 de julho de 2018.

Com vestes de Candomblé e cabeça deitada no chão, reverenciando uma folha de espada de Oxossi – sincretizado São Jorge –, a imagem grafitada compõe os diálogos públicos das ruínas no Hotel Colombo, como um elemento que dialoga com a

religiosidade, parte fulcral da cultura da cidade, que tem como base o catolicismo e as religiões de matriz africana, representada principalmente pela Irmandade da Boa Morte.

O vestido, os adereços nos braços da mulher negra em posição de reverência, a roupa colorida e rendada compõem os imaginários que relembram os corpos, assim caracterizados, que habitam aquele espaço em alguns momentos específicos do ano, como durante a festa de Iemanjá, em fevereiro.



Figura 5: Imagem mulher bruxa guerreira na rua 13 de maio

Fonte: Acervo próprio. Produzida em 12 de julho de 2018.

A cura das mulheres é o ponto chave do lambe-lambe, produzido em São Paulo, mas colado em Cachoeira, na Rua 13 de maio. As conexões se expandem para além da fruição estética nas ruas do interior da

Bahia costurando os sentidos com a dimensão urbana da capital paulista, com suas referências ao cosmopolitismo, à aceleração de uma grande metrópole entre outros sentidos nela dispostos. A imagem é a de uma mulher de cabelos ao vento, saia longa, capa de super-heroína e espada nas mãos, associada aos textos que despertam sensações reveladoras das condições de poder das mulheres em relação às agressões e opressões que sofrem em seus cotidianos.



Figura 6: Imagem mulher cachoeirana nas ruínas do Hotel Colombo
Fonte: Acervo próprio. Produzida em 01 de outubro de 2018.

A última imagem chegou na semana em que já estávamos finalizando o texto, mas ainda em tempo de irmos a comentar a importância de colocar em visibilidade a imagem da mulher negra do cotidiano, mulher que vive na cidade, que cultiva as plantas de força, como a espada de Oxossi, que no desenho, quase se mistura ao corpo da mulher, do mesmo modo que o poste transmuda o crescimento de folhas da planta.

Estes breves recortes das imagens em circulação nas ruas da cidade, entre 2017 e 2018, nos dão a ver como as questões de empoderamento feminino – tomada de consciência da situação de opressão em que vivem as mulheres, e principalmente as mulheres negras –, e potência das religiões afro-brasileiras em Cachoeira a partir da arte urbana. As narrativas construídas nos diálogos públicos, produzidas majoritariamente por artistas mulheres, colocam o corpo feminino como foco principal, pondo em evidência o sagrado, a magia, a força e a potência que pulsa nestes corpos. O que difere das retratações hiperssexualizadas que povoam o meio industrial e colocam nossos corpos como mercadoria.

Esse entendimento joga luz na capacidade de agência presente os diálogos femininos nas ruas da cidade, que criam deslocamentos nas hierarquias de poder e subvertem o imaginário dominante, cotidianizando uma representatividade feminina que lhes é benéfica e potente.

A interseccionalidade surge, nesse contexto, como importante ferramenta, fazendo novas interpretações do corpo sexuado e racializado, assim, escapam, proliferam-se e promovem deslocamentos nas relações de poder instituídas. Essas potências transformadoras gritam nas representações em diálogos públicos na cidade e apresentam rotas de fuga e desestabilização da norma patriarcal de inferiorização feminina. Fazendo-nos perceber que, apesar das diferenças nas opressões sofridas pelas mulheres, é possível construir uma identificação entre mulheres e, através da sororidade, transformar nossas diferenças em potência e poder.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol. I - Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

_____. **Obras Escolhidas Vol. II - Rua de Mão Única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

BRAGA, José Luiz. **Lugar de fala como conceito metodológico no estudo de produtos culturais e outras falas**. In: NETO, Antonio Fausto e PINTO, M. Mídia e Cultura. Rio de Janeiro: Diadorim/Compós, 1997

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. Stanford Law Review 43(6), 1991, p. 1241-99.

DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe**. tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

MIGLIANO, Milene. **Diálogos Públicos no Centro de Belo Horizonte**: mapas de sentidos em comunicação urbana. Dissertação defendida maio de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da UFMG.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Lendo a metrópole comunicacional: culturas juvenis, estéticas e práticas políticas**. Revista Acadêmica de la Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social. Bogotá, 2007.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Outros territórios, outras mapas**. En: OSAL: Observatório Social da America Latinha, Ano 6, no. 16, (Junho 2005) Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. **Corpo e imagem, alguns enredamentos urbanos**. Cadernos do PPG//AUFAUFBA, número especial "Territórios Urbanos e Políticas Culturais". Salvador: Editora UFBA, 2007.

Resumo

Localizada na região do Recôncavo da Bahia, a cidade da Cachoeira possui história singular nas relações de luta pela existência política e imaginária, desde a sua participação decisiva nas lutas pela emancipação política do Brasil à constante resistência da população negra que sobrevive às heranças da escravidão. Desde 2017, temos notado a emergência de graffitis que põem em circulação narrativas e imaginários associados ao reconhecimento das singularidades e potências da mulher, superação da opressão masculina, relações entre o corpo feminino e a natureza e entre o corpo da mulher e diversas ancestralidades ligadas à religiões afro-brasileiras, que também tem tomado as redes sociais digitais ampliando as possibilidades

de significação, como é o caso do perfil asparedesdocahlfalam, no instagram. Aqui, buscaremos explorar a dimensão política-comunicativa das expressividades artísticas das práticas de escrita da cidade, relacionando com as condições de possibilidades de invenção, encontro e contextos históricos culturais.

Palavras-chave: Experiência urbana. Narrativas. Arte. Interseccionalidade. Imaginário político. Diálogos públicos.

Abstract

Located in the Recôncavo da Bahia region, the city of Cachoeira has a unique history in the relations of struggle for political and imaginary existence, since its decisive participation in the struggles for political emancipation in Brazil to the constant resistance of the black population that survives the inheritance of slavery. Since 2017, we have noticed the emergence of graffiti that put into circulation narratives and imaginations associated with the recognition of women's singularities and potencies, overcoming male oppression, relationships between the female body and nature and between the woman's body and various ancestry linked to Afro-Brazilian religions, which have also taken digital social networks, expanding the possibilities of meaning, such as the asparedesdocahlfalam profile, on Instagram. Here, we will explore the political-communicative dimension of the artistic expressiveness of the city's writing practices, relating it to the conditions of possibilities of invention, encounter and cultural historical contexts.

Keywords: Urban experience. Narratives. Art. Intersectionality. Political imagination. Public dialogues.

Resumen

Ubicada en la región de Recôncavo da Bahia, la ciudad de Cachoeira tiene una historia única en las relaciones de lucha por la existencia política e imaginaria, desde su participación decisiva en las luchas por la emancipación política en Brasil hasta la resistencia constante de la población negra que sobrevive a la herencia de la esclavitud. Desde 2017, hemos notado la aparición de graffiti que ponen en circulación narrativas e imaginaciones asociadas con el reconocimiento de las singularidades y potencias de las mujeres, superando la opresión masculina, las relaciones entre el cuerpo femenino y la naturaleza y entre el cuerpo de la mujer y diversos ancestros vinculados a Religiones afrobrasileñas, que también han tomado redes sociales digitales, ampliando las posibilidades de significado, como el perfil asparedesdocahlfalam, en Instagram. Aquí, exploraremos la dimensión político-comunicativa de la expresividad artística de las prácticas de escritura de la ciudad, relacionándola con las condiciones de posibilidades de invención, encuentro y contextos históricos culturales.

Palabras clave: Experiencia urbana. Narrativas. Art. Interseccionalidad. Imaginación política. Diálogos públicos.